

ARTE DA REVOLUÇÃO

EXPOSIÇÃO ABERTA HOJE NO CCBB TRAZ 123 PEÇAS DO INÍCIO DO SÉCULO 20, UM DOS MOMENTOS MAIS REPRESENTATIVOS DA MODERNA PRODUÇÃO RUSSA

Foto: Valério Ayrès/Ep. CC/B.A. Press



NA TRILOGIA GEOMÉTRICA PINTADA SOBRE FUNDO BRANCO, MALEVICH EXERCITOU O SUPREMATISMO, MOVIMENTO NO QUAL PREGAVA SÍMBOLOS PICTÓRICOS PUROS.



OS BONECOS DE KAZIMIR MALEVICH FORAM FEITOS COMO FIGURINO DE UMA ÓPERA E SERVICIAM DE ANÚNCIO DO SUPREMATISMO. MAIS TARDE O ARTISTA REPRODUZIRIA AS MESMAS OBRAS EM PINTURAS

NAHIMA MACIEL
DA EQUIPE DO CORREIO

Yevgenia Petrova utiliza delimitações geográficas para dar a dimensão do que é o Museu Estatal Russo de São Petersburgo. "O centro da cidade é dividido em dois. De um lado, o Hermitage, do outro o Museu Russo", explica. Pelos diversos palacetes da cidade está distribuído um acervo de 500 mil obras. "Mas apenas 2,5% estão aqui em Brasília", avisa Joseph Kibitsky. A dupla de diretores do maior museu da Rússia passou a semana na capital para acompanhar a montagem da exposição *Virada russa: a vanguarda na coleção do Museu Estatal Russo de São Petersburgo* no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). A mostra traz 123 obras dos primeiros três décadas do século 20, clássicos daquela que é considerada a fase mais produtiva da arte moderna russa. Enquanto a Europa assistia à consolidação de novas formas de representação artística em movimentos como cubismo, futurismo e expressionismo, os russos investiam em linguagens muito particulares e vinculadas ao contexto sociopolítico do país. A exposição no CCBB tem início em tempos pré-revolução e se encerra numa época em que a União Soviética já estava instalada e o estado totalitário interferia veementemente na produção artística. "O começo dos anos 1920 foi uma etapa intensa da arte russa. Uma grande quantidade de pintores estava familiarizada com a arte ocidental, mas essas tendências passaram pela Rússia de forma muito rápida", conta Yevgenia. "Existiam várias direções, vários movimentos dentro da vanguarda russa. Não queremos representar todos, mas os mais importantes, começando com a arte figurativa que era muito popular e desenvolvida no início do século 20. E ao mesmo tempo temos, junto com o figurativo, o aparecimento de várias formas de arte abstrata."

Virada russa tem clássicos como as abstrações coloridas de Wassily Kandinski, o surrealismo de Marc Chagall e a trilogia geométrica do suprematismo de Kazimir Malevich, mas também apresenta algumas surpresas como as pinturas vinculadas à iconografia tradicional russa de Natalia Gontcharova e os pouco conhecidos Petrof-Vodkin Kuzma e Pavel Filonov, condenados ao isolamento durante o regime socialista. Kandinski, Chagall e Malevich ficaram conhecidos no Ocidente porque conseguiram trabalhar fora da então URSS, mas muitos artistas foram isolados quando o Estado percebeu que não poderia instrumentalizar seus trabalhos em favor do socialismo e acabaram desconhecidos. Se *Virada russa* é oportunidade única para ver os clássicos, é também um contexto ideal para entender como se organizou a arte russa entre duas revoluções (1905 e 1917). Algumas das obras da exposição estiveram em São Paulo em 2002 em uma retrospectiva de 500 anos de arte russa, mas esta é a primeira vez que o Brasil recebe mostra centrada nas vanguardas do início do século 20.



FIGURAÇÕES

O primeiro quadro da exposição traz uma surpresa. Igrye vermello mostra paisagem campestre com greja ao fundo e foi pintado por Kandinski em 1901. É a única obra figurativa do pintor a integrar *Virada russa* e está na mesma sala de *Posses*, uma encantadora composição surrealista de Marc Chagall. Yevgenia Petrova e Joseph Kibitsky reservaram a primeira sala da mostra para as figurações dos primeiros anos. Ali estão descobertas além de Kandinski (obra na foto), que se tornaria o mestre da abstração colorida encontrada na sala seguinte. Um conjunto de evangelistas de Natalia Gontcharova, exemplo da corrente neoprimativista, revela como elementos simbólicos da cultura russa impregnaram o imaginário dos pintores. "Muitos ocidentais foram buscar referências nas culturas africanas, mas os russos se voltaram

para eles mesmos e suas raízes populares", explica Yevgenia, autora de 17 livros sobre as vanguardas russas. A representação iconográfica ortodoxa e o primitivismo são características das pinturas de Gontcharova, que também está presente na mostra com *Invemo*, na qual o galhos de árvores em paisagem nevada lembram a tradição pictórica de inscrições em madeira. Ainda na primeira sala estão o simbolismo de Petrof-Vodkin Kuzma e o complexo cubismo de Pavel Filonov, que assina sete obras na exposição. "Queremos realmente mostrar as diferentes faces desse pintor. Ele foi figurativo e abstrato e colocava sempre nos trabalhos os ciclos de vida e morte como forma de entender o processo da vida. Seus quadros crescem de baixo para cima e as figuras parecem feitas de cristais e prismas", explica Yevgenia.

ABSTRAÇÕES

A segunda galeria é dedicada às abstrações. Futurismo, cubismo e geometrias abstratas dominam o espaço em obras de Kazimir Malevich, Wassily Kandinski, Alexander Rodchenko, Ivan Puni, Valdemir Lebedev, Mikhail Matyushin e mais algumas pinturas de Pavel Filonov, além de esculturas de Boris Korolov e o objeto simbólico do construtivismo russo criado por Vladimir Tatlin. Ali estão algumas das obras que integram a exposição *U, U, U*, última exposição futurista na qual foram lançadas as bases para o suprematismo em 1914. Também vieram de São Petersburgo os bonecos de Malevich para a ópera *A visita do sol*, encenada em 1913 e cuja cenografia já anunciava a pintura suprematista. A primeira e última galeria sintetiza o processo iniciado na figuração das vanguardas. Uma sala ficou consagrada para o suprematismo, termo inventado por Malevich, e contém a famosa trilogia *Quadrado negro*, *Círculo negro* e *Cruz negra*. O artista dizia praticar a "religião da arte" e nesse percurso a simbologia iconográfica das

formas pintadas em negro sobre fundo branco eram fundamentais. Ícones puros e sagrados no visio de Malevich, que em algum momento acreditou poder colocar sua arte a serviço da utopia socialista. "A maioria dos artistas aceitaram a revolução (de 1917) muito bem. Para eles era a vanguarda, uma coisa nova, um movimento diferente. No início a maioria trabalhou para a revolução, incluindo Malevich e Kandinski. Depois começou a mudar", conta Yevgenia. "No fim dos anos 1920, eles sentiram a pressão do totalitarismo stalinista e todas as tendências formalistas da arte foram excluídas. Os pintores foram obrigados a voltar de forma brusca ao figurativismo e à representação." Tal momento ocupa a última sala da exposição (foto). Impossibilitados de prosseguir nas experiências abstratas, os artistas passaram a experimentar outras vertentes como o design, os cartazes de propaganda e a arte utilitária até chegarem ao realismo socialista, pintura que exaltava o regime e é hoje considerada de menor qualidade.



VIRADA RUSSA: A VANGUARDA NA COLEÇÃO DO MUSEU ESTATAL RUSSO DE SÃO PETERSBURGO

Curadoria de Yevgenia Petrova, Joseph Kibitsky, Rodolfo de Athayde e Ania Rodriguez. Vistação até 7 de junho, de terça a domingo, das 9h às 21h, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB, SCES, Tc. 2).

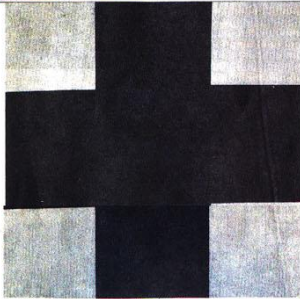


SÃO JORGE, DE V. KANDINSKY

Artes

EDITOR// MARIO RUSSO (mrusso@com.com.br)

Sexta-feira e fim de semana, 3, 4 e 5 de abril de 2009



CRUZ NEGRA, DE KAZIMIR MALIEVITCH

TESOUROS DA VANGUARDARUSSA

Uma linha do tempo do movimento
Vindos diretamente do arquivo do State Russian Museum - 123 páginas, entre pinturas, obras tridimensionais, ressonâncias e objetos, estão na exposição Vindos da Rússia: A Vanguarda no Arco do Tempo do Museu Estadual Russo de São Petersburgo, que abre pelo o público nesta terça-feira, 7, e ocupa os galerias 1 e 2 do Centro Cultural João de Deus (C3B) de Brasília. O evento prioriza o tema, com peças que marcam o movimento russo entre as décadas de 1890 e 1930.

Para a Rússia, usado no título da exposição, tem a ver com o desejo de renovação que em diversos países da Europa se refletiu em movimentos artísticos transgressores alcançaram, no contexto da Revolução Russa, uma dimensão ainda mais extraordinária pelo fato de emergirem em um cenário histórico onde as urgências das mudanças polarizava todos os setores da sociedade. Não se tratava então dos avanços de um movimento restrito ao artístico, mas, sim, de uma tela social ávida por transformações. Assim, estes gestos de vanguardistas que abrigam, e excedem, as artes plásticas, o teatro, a música, o cinema, a dança e a poesia, implicados em um turbilhão de revoluções, guerras e reconstruções, configuraram, em poucos anos, um inédito laboratório de ideias e experimentações múltiplas. Ainda segundo a curadora, "a esse contexto de transgressões está dedicada esta exposição, que reflete de um modo amplo a busca dos artistas, em diversos sentidos, para conformar a virada que tomou conta da arte russa nos primeiros anos do século 20. Reunimos múltiplas tendências com a ideia de não mostrar somente a arte de vanguarda mais radical, mas, sim, obter uma amostra das diversas linhas de pesquisa dos artistas daquela época. Desde os criadores, cuja proposta de subversão está baseada em recursos estéticos que bebem nas profundas raízes da cultura popular do folclore russo, na vida cotidiana com alterações na ordem figurativa, até os que constroem novos paradigmas estéticos, cujos antec-

cedentes não são muitos, e inclusive aqueles que propagam o retorno (ou a acomodação), a uma estética tradicional com o objetivo de serem compreendidos "pelas massas". Dialogam aqui obras representativas de diversos movimentos como o neoprimitivismo, o futurismo, o cubo-futurismo, o racionalismo, o simbolismo, o construtivismo. As obras expressam a efervescência artística e cultural dos anos anteriores ao "Outubro Vermelho" e que seguiram várias vertentes como o não-objetivismo e, principalmente, o suprematismo e o construtivismo. Entre as raridades que serão apresentadas nos salões do CCB de Brasília estão clássicos como Promenade, de Marc Chagall, que representa um momento mais lírico dentro do surrealismo, e os três quadros de Malevich, que marca o começo do verdadeiro rigor geométrico na pintura - a cruz, o quadrado e o círculo negro sobre um fundo branco. "Esses três quadros juntos são os mais importantes da exposição. Malevich desliga a arte de qualquer sentido representativo, fundando o suprematismo. É o resultado de uma pesquisa do artista sobre a essência da arte e representa a vanguarda mais radical. Pela primeira vez essas obras poderão ser vistas no Brasil juntas", comenta Rodrigo Athayde, produtor da exposição. Já a curadora russa, Yevgenia Petrova, explica o tal "rigor geométrico"



COMPOSIÇÃO NÃO-OBJETIVA SUPREMATISMO, DE ROZANOVA

presente na obra de Malevich. "A criação suprematista de Malevich é motivada pelo desejo de tirar a arte dos limites de qualquer realidade material. Começar da marca zero e riscar tudo o que existia antes - é o sentido do Quadrado Negro e das obras que o lhe seguiram: Quadrado Vermelho (1915, Museu Estatal Russo) ou Quadrado Branco (1917, Museu de Arte Moderna, de New York). O projeto de Malevich impulsionou uma mudança no conceito de arte."

"Ele se revelou universal. Por um lado, os suprematismos de Malevich expressaram uma nova relação do homem com o Universo e, por outro, Malevich libertou a pintura de cavelete da necessidade habitual de seguir as leis plásticas do peso e do volume. A 'efemeridade' (beziéssie) que se incorporou na prática artística dos suprematistas russos a partir da metade da década de 1910, no período de 1950 a 1970, encontrou muitos adeptos, especial-

mente nos Estados Unidos", diz a curadora russa. Os 53 artistas que fazem parte da mostra são: Aleksandr Bogomazov, Aleksandr Labás, Aleksandr Ródtchenko, Aleksandr Samokhóvov, Aleksandra Ékster, Aleksei Pakhómov, Aristákh Lentílov (artista desconhecido), Artur Klíetenberg, Boris Grigóriev, Boris Énder, Boris Korólov, David Burliuk, David Shtrenberg, Dmitri Bulánov, Dmitri Bulánov, S. Elítchev, Filip Malávin, Gtstav Klutis, Iákov Gúminer, Ievséi Vitteberg, Ilá Máchkov, Ióssif Chkólnik, Ivan Puni, Kazimir Malievitch, Kuzma Petrov-Vódkin, Liubov Miléeva, Liubov Pópova, Marc Chagall, Maria Énder, Mikhail Laríonov, Mikhail Matiúchin, Mikhail Viéksler, Nadíeda Udaltsova, Natalia Gontcharova, Natan Áltman, Naugaut, Nikolai Lapchin, Nikolai Roerich, Nikolai Súétin, Olga Rózanova, Pável Flídnov, Piotr Kontchalovski, Rudolf Frenst, Serguei Burlin, Sofia Schulman, Valentina Kuláguina, Varvara Stepanova, Vassili Kandínski, Viktor Koriétski, Vladimír Baránov, Rossiné, Vladimír Liébedev, Vladimír Sténberg, Geórgiu Stenberg e Vladimír Tátilin.

"Esses artistas não chegaram a influenciar diretamente artistas do Brasil. As obras dos artistas russos foram conhecidas através das vanguardas europeias, da Escola Bauhaus, na Alemanha, do suíço Max Bill, que participou da 1ª Bienal de São Paulo em 1951", conta Ania.

As obras de Kandinsky - como Igreja Vermelha, Cruz Azul e São George II, presentes na mostra - marcam o ponto de partida para a pintura abstrata. Para o pintor, que sofreu grandes influências da música, a cor era a expressão mais pura do espírito humano, e o ponto e a linha, as bases do desenho. A vertente construtivista teve em Tatlin o seu maior precursor. A obra Contra-relevo de Esquina - complexo, em aço, alumínio, zinco e madeira - traduz o novo mundo industrial ao adotar formas materiais e técnicas da moderna tecnologia, encarnando a ideia do artista-engenheiro empenhado na construção de objetos concretos. "Suas obras serviram de referência para o concretismo brasileiro na década de 50", lembra Athayde.

Numa linha de pesquisa comum ao construtivismo e o suprematismo está o não-objetivismo. Misturando mecânica e busca pela arte essencial, as obras de Rodchenko (Círculo Branco, Sem Objeto) marcam bem essas experiências, que foram as últimas do movimento vanguardista russo, interrompido com o incentivo estatal ao realismo soviético, uma escola baseada em uma estética totalitária considerada antagônica a todas as vanguardas anteriores.

A nova política stalinista expulsou os artistas vanguardistas russos, que, em sua maioria, foram para a França e demais países da Europa. "Em 1932, se instaura o realismo socialista como estilo oficial. Isso põe fim a um intenso período de experimentações. Os artistas redirecionaram suas pesquisas para o design de cenários de teatro, cartazes, peças de cerâmica, mas, de modo geral, a pesquisa estética que levava a propostas mais radicais foi rejeitada", explica a curadora.

A Vanguarda Russa na Coleção do Museu Estatal Russo de São Petersburgo
CCB de Brasília
SCES, Trecho 2, Conjunto 22
Telefone: (61) 3310-7087
De terça a domingo, das 9h às 21h
De terça, 7, a 7 de junho
Entrada franca